



XVIII SIMPURB  
Simpósio Nacional  
de Geografia Urbana 2024 Niterói

Uma agenda para  
a democratização  
da cidade

3 a 7 DEZ

Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha

GT – “23”: “Urbanização, turismo e lazeres”

## O TURISMO FAMILIAR: MEMÓRIAS E RELATOS DE UMA ATAFONA DE OUTRORA

José Victor Juliboni Cosandey  
UERJ  
zevictor18@yahoo.com.br

Marcella da Silva Correa  
PUC-RJ  
correa.marcella@gmail.com

**RESUMO:** O distrito de Atafona, localizado no município de São João da Barra, era um lugar muito frequentado, principalmente, por moradores de Campos dos Goytacazes. Nas férias de janeiro e carnaval, milhares de campistas se deslocavam para o balneário, onde possuíam segunda residência. Com o passar dos anos, muitas casas foram destruídas devido ao avanço do mar, deixando, onde havia festas e famílias, um lugar com silêncio de vozes. Neste artigo, entrevistamos moradores e veraneantes para contar os relatos desta Atafona “perdida”. O principal objetivo é tratar e analisar os sujeitos que buscam passar as férias em um mesmo lugar, trazendo seus conhecimentos culturais das regiões que moram para a sua segunda residência e suas relações com os moradores de Atafona, no Estado do Rio de Janeiro.

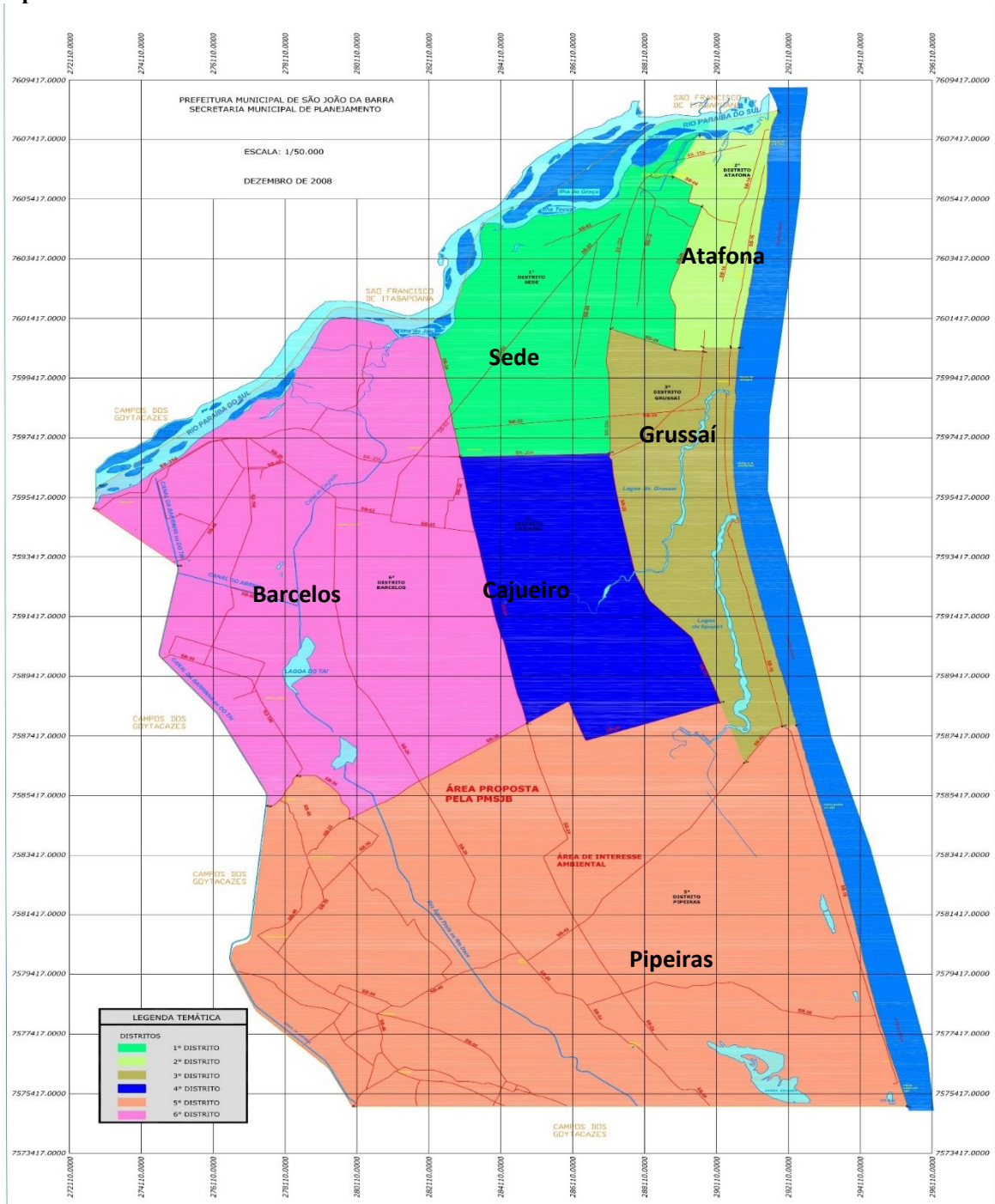
**Palavras-chave:** Segunda Residência; Turismo familiar; Veraneantes.

### 1. INTRODUÇÃO

---

O município de São João da Barra, localizado na Região Norte do Estado do Rio de Janeiro, possui 32 km de litoral, incluindo algumas praias como Grussaí, contornada por lagoas, bares e quiosques, Atafona, Chapéu do Sol (distrito de Atafona) e Barra do Açu (distrito de Pipeiras), conforme indicado no Mapa 1. De todas as praias, a de Grussaí é a que possui melhor infraestrutura (Figura 1), inclusive um polo gastronômico em frente à praia (Figura 2), o maior SESC do Brasil em área construída (Figura 3) e uma belíssima praia, fatores que atraem turistas de várias partes do Brasil.

Mapa 1



Nomes em negrito colocados pelos autores.

Fonte: Prefeitura de São João da Barra.

Figura 1



Acesso à praia de Grussaí.  
Fonte: arquivo dos autores.

Figura 2



Polo Gastronômico de Grussaí.  
Fonte: arquivo dos autores.

Figura 3



Maria-fumaça no SESC Mineiro de Grussaí.  
Fonte: arquivo dos autores.

O investimento da prefeitura local em parceria com empresas privadas, a partir da década de 2000, principalmente com diversos shows de artistas renomados nacionalmente, eleva o turismo neste município, porém, em contrapartida, uma outra realidade é vista em Atafona.

Devido ao avanço do mar, a cada ano, dezenas de ruas e casas são destruídas, incluindo, o Atafona Praia Clube<sup>1</sup>, os faróis (quatro destruídos pelo mar, o quinto já está bem próximo de ter o mesmo fim), bares, a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, um posto de gasolina, o posto da Polícia Militar, o Reservatório Elevado da Companhia Águas do Paraíba<sup>2</sup>, que abastecia todo o distrito e o prédio do Julinho, único edifício construído em Atafona com três pavimentos. Não se sabe o número exato de imóveis destruídos, porém até o ano de 2003,

<sup>1</sup> O clube foi demolido antes do desabamento pelo avanço do mar, pois vinha servindo de residência para famílias que buscavam benefícios sociais, além de dívidas com o município.

<sup>2</sup> O Reservatório elevado também foi demolido antes da chegada do mar, pois havia uma preocupação da estrutura tombar e que isso pudesse gerar um problema maior.

segundo a pesquisadora Márcia Hissa Azevedo, foram “183 unidades já destruídas, distribuídas em 14 quadras atingidas” (AZEVEDO, 2004, p.82). Como resultado dessa destruição e perda de muitas segundas residências, há um decrescente número de veraneantes nesta praia, como relatado nas entrevistas com os moradores.

Diversos pesquisadores buscaram, durante anos, mapear e compreender os motivos para a ocorrência do fenômeno do avanço do mar, como, por exemplo, Dominguez *et al.* (1983); Muehe *et al.* (2003); Ribeiro *et al.* (2004); Fernandez *et al.* (2006). Não há um consenso para o(s) real(is) motivo(s) do processo de progradação marinha. O que se acredita, a partir de uma análise desses trabalhos, é que há eventos (podendo estar relacionados ao Rio Paraíba do Sul, El Niño /La Nina, por exemplo) que estariam modificando a ação das ondas e dos ventos e, conseqüentemente, influenciando no fenômeno erosivo. Já para muitos moradores, há a crença de que o avanço do mar acontece por causa da forma como foi construída a capela de Nossa Senhora dos Navegantes, de costas para o mar. Na década de 1990, a capela foi reconstruída de frente para o mar, porém o avanço continuou.

## **2. AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS VERANEANTES COM ATAFONA**

---

O processo de construção de identidade em Atafona se torna um fenômeno fundamental para entendermos o contínuo fluxo de veraneantes mesmo que este balneário não possua as belezas de outrora devido ao avanço do mar. Suas histórias e narrativas são parte importante para esse processo identitário e segundo Corrêa (2012)

Para compreendermos o significado de identidade precisamos entender que elas são resultado de práticas discursivas, ou seja, da interação entre determinados falantes, num determinado momento, em um determinado lugar. Isso quer dizer que a identidade é situada cultural, social e historicamente. (...) Nossa identidade não se faz automaticamente, ela é fruto de nossas relações sociais e principalmente de nossas práticas discursivas (p. 23).

Para uma pessoa se sentir “identificado ou pertencente a um entorno é o que se entende por apropriação. Na apropriação, o sujeito interage dialeticamente com o entorno, o que resulta numa transformação mútua” (MOURÃO e CAVALCANTE, 2006, p. 145). Ainda segundo Mourão e Cavalcante:

O sujeito age sobre o meio, modifica-o e, neste processo, vai deixando sua marca e sendo igualmente marcado por ele. Isto se dá na medida em que as transformações do meio pelo homem são resultantes de necessidades subjetivas, de emoções, de expectativas, em suma, de vivências que vão fazendo parte da história pessoal do sujeito. As ações sobre o espaço não se constituem, portanto, somente em atos

cognitivos ou materiais, mas em atos de investimento emocional, momento em que o agir e o sentir encontram-se em plena sintonia. (p. 145).

A partir da identidade construída por processos familiares, esses balneários foram, e são até hoje, áreas de segunda residência de campistas e mineiros, principalmente. “Com um total de 17.450 domicílios, 44% das residências são de turistas que frequentam a cidade ocasionalmente apenas no verão, feriados e fim de semana. Estas casas encontram-se em sua maioria nos distritos de Atafona e Grussaí” (ALVES, 2015, p. 48).

Com o grande percentual de segundas residências, fica evidente a importância para a economia local dos *veraneantes*. Segundo Caletério, *veraneante* é:

uma expressão espanhola usada para designar “todos aqueles que sempre passam o verão em determinado lugar”. O foco do *veraneantes* é sempre poder garantir a reprodução de redes sociais, traço que problematiza a associação muitas vezes feita entre o turismo e visitas a pontos turísticos. A origem doméstica e, muitas vezes, local do *veraneante*, o seu status ambíguo na condição simultânea de anfitrião e hóspede (CALETRÍO, 2011, p. 120).

É importante aqui diferenciar o veraneante do turista. O primeiro não se renova, ou seja, são pessoas que buscam num balneário relações afetivas e que tendem a passar sempre os verões neste mesmo lugar, mesmo tendo opções de ir para outras praias. Logo, a apropriação com o lugar torna a visita frequente. O segundo busca o novo, o exótico, algo diferente do que possui em sua residência, tendo assim um gasto maior com as atividades turísticas.

Neste artigo buscamos a compreensão da relação afetiva das pessoas com este balneário, a partir de entrevistas e conversas informais com moradores e *veraneantes* da praia. A história oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2005, p. 155). Logo, se torna de suma importância escutar os principais atores na elaboração deste artigo: os *veraneantes*. Cabe ressaltar que as entrevistas são fontes orais, analisadas e interpretadas pelos autores.

As entrevistas aqui foram feitas em julho de 2017 e janeiro de 2018, justamente para diferenciar a movimentação entre o período de baixa e alta temporada, respectivamente. Foram 20 veraneantes entrevistados e 10 moradores, porém nem todos os entrevistados estão presentes neste trabalho. O objetivo deste artigo é avaliar a importância das relações afetivas e de dependência entre Atafona e seus veraneantes.

### 3. A SEGUNDA RESIDÊNCIA EM ATAFONA

---

A maioria das pessoas que vão veranejar em Atafona vem do município de Campos dos Goytacazes, a cerca de 45 km de distância. Como a viagem dura aproximadamente 30 minutos do centro de Campos, Atafona se tornou um balneário de fácil e rápido acesso para os campistas, e por essa razão muitos possuem segundas residências nesta praia.

A segunda residência é um fenômeno comum no Brasil. Pessoas, geralmente de classes sociais mais altas, possuem segundas residências como forma de lazer, reunir a família e ter um local seu, um lugar, uma familiaridade.

Há duas questões importantes sobre a segunda residência: a primeira se remete à segunda residência como imóvel e não propriedade. Conforme TULIK (1995) *apud* ASSIS (2003, p.113),

...a residência secundária, enquanto propriedade particular (já que não existem, pelo menos no Brasil, residências secundárias públicas), constitui uma modalidade de alojamento turístico cujo conceito operacional não deveria estar ligado ao fato de ser própria, alugada, arrendada ou emprestada.

A segunda questão se remete à temporalidade:

Sendo um domicílio de uso ocasional de finais de semana ou de temporadas de férias para fins de recreação e lazer, a segunda residência pressupõe, indubitavelmente, a existência por parte do proprietário de um outro domicílio de uso permanente (também conhecido como principal ou primeira residência) onde ele habita na maior parte do ano. Enquanto a primeira residência responde à mais elementar necessidade de habitar, morar, de ter abrigo em que pese as diferentes formas existentes de satisfazer essas necessidades, a segunda habitação foge a qualquer entendimento dessa natureza. Ela é uma segunda habitação (ASSIS, 2003, p.113).

Logo, a segunda residência é a busca por um lugar de lazer, que foge da vida agitada dos grandes centros urbanos. Ela necessita de uma renda secundária, pois inclui diversos custos, como impostos e manutenção, tendo a ideia de ser uma modalidade turística elitista (ASSIS, p. 112).

### 4. O QUE ATRAI EM ATAFONA?

---

Atafona tem seu charme e seus mistérios. Balneário que foi muito frequentado por campistas de renda mais elevada, como usineiros, empresários, proprietários de terra durante anos, hoje é mais frequentado por descendentes desses ou de pessoas que, mesmo sem grande

renda, possuem segundas residências. Casas, ruas e igreja foram perdidas pelo avanço do mar e das dunas (Figura 4 e 5). A imagem de destruição, com a presença de destroços na praia, além do mar e rio com suas cores amarronzadas tendem a não atrair turistas, pois Atafona não se assemelha as paisagens paradisíacas de águas cristalinas das praias mais visitadas e encontradas no litoral brasileiro por turistas nacionais e internacionais.

Figura 4



Casa destruída pelo avanço do mar.

Fonte: arquivo dos autores.

Figura 5



Avanço das dunas sobre residências ainda habitadas.

Fonte: arquivo dos autores.

Em Atafona, morar em frente à praia não traz um aumento do preço do imóvel, muito menos status. Ao contrário, muitas dessas moradias estão abandonadas ou foram invadidas por pessoas sem casa própria, que veem nessas residências o seu novo lar, mesmo com os ventos constantes, areia adentrando e o medo constante da perda com o avanço do mar.

Os ventos que carregam as areias levam consigo histórias, mas não carregam o sentimento das pessoas por esse balneário. Campistas, mineiros, capixabas, cariocas vão todo verão com seus familiares e amigos em busca de descanso, boa comida, e praia vazia. João

Paulo, um veraneante, resume bem este fato, afirmando que “não há lugar melhor para relaxar, fugir do barulho e estresse da grande cidade, até por que meu celular nem funciona aqui (...). Como muito bem aqui. Até porque sempre estou na casa de algum parente”.

Há atrativos a partir de fixos e fluxos, como igrejas e procissões religiosas<sup>3</sup>, o Espaço da Ciência para diversão das crianças testando experimentos, aquários com peixes locais e o projeto TAMAR (no distrito há a desova de tartarugas). Na alta temporada do verão, há passeio de barco e voo panorâmico na foz do Rio Paraíba do Sul e shows, com artistas renomados nacionalmente, na arena do balneário.

A gastronomia local é outro fator de extrema importância. O bom-bocado (doce típico deste município); os picolés de vários sabores (Figura 6) e com preços acessíveis, com destaque para o de pitanga, fruta típica da região e de difícil compra pelo Brasil, que pode ser adquirida como fruta, suco e uma deliciosa caipirinha; os peixes e frutos do mar, em especial o cação de peixe com o pirão e/ou camarão (Figura 7).

Figura 6



Picolés de diversos sabores produzidos em São João da Barra e vendido por todo o município.

Fonte: Arquivo dos autores.

Figura 7



Filé de cação, um dos pratos mais consumidos em Atafona.

Fonte: Arquivo dos autores.

<sup>3</sup> Sobre eventos religiosos em São João da Barra, vide:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1575-2.pdf>. Acessado: 28/07/2024

Atafona possui também sua parte mística. Muitos acreditam que a areia monazítica presente na praia teria um poder medicinal. O iodo, segundo os veraneantes, presente nas águas da praia seriam capazes de curar doenças. Outros acham que o vento tem o poder de manter a saúde, como o senhor Ronald, advogado aposentado, que afirma: “gosto de passar o verão aqui por causa dos ventos, do ar puro. Sempre quando venho, volto para Campos mais fortalecido, me sinto mais jovem.” A presença do médium Chico Xavier nesta praia no final da década de 1960, local onde escreveu o livro " No Portal da Luz", facilita ainda mais a cultura mística que o balneário possui.

Além disso, Atafona seria local de presença de Óvnis. Conforme o jornalista e especialista, João Noronha (2003):

A equipe de jornalismo do “Globo Repórter”, da Rede Globo de Televisão visitou a praia, em 75, atraída pelos Óvnis e “os homens das máscaras de chumbo”. O programa que foi ao ar no mesmo ano mostrou o misterioso desaparecimento de dois campistas - um identificado apenas como Miguel - que teriam sido vistos no balneário e que apareceram no morro da Caixa d’Água (Fonseca) em Niterói, onde não se teve mais notícia.

O jornal “O Fluminense”, de Niterói publicou no dia 5 de agosto de 1977, uma matéria intitulada “Visitantes? Mãe e filha veem discos voadores e tentam contato”. Irene Margarida de Souza e sua mãe Irene viram três discos em Atafona, que emitiam sinais azulados e iluminavam com luzes avermelhadas diversos pontos pré-determinados, como que tivessem fazendo um levantamento da área próxima ao Pontal. (sem paginação<sup>4</sup>)

São diversos fatores que tornam Atafona um lugar sossegado, atrativo e misterioso, mantendo assim fielmente seus veraneantes, ainda que falte uma infraestrutura adequada e uma praia atrativa.

## 5. UM OLHAR FAMILIAR SOBRE A PRAIA

---

Dona Nair é uma senhora de 92 anos que veraneia em Atafona desde 1952. Já casada, com seus 27 anos e com dois filhos pequenos, seus pais compraram uma casa neste balneário, como ela mesmo relata:

**Nair:** Minha mãe queria uma casa de praia. Visitou a praia de Farol de São Thomé, mas não gostou da praia. Em Atafona tinha linha do trem e era mais rápido a chegada. A casa comprada (chamada de Vivenda Dom Bosco) por meus pais tinha espaço para todos os 9 filhos e netos que tinham e que estavam por vir. Na verdade, no

---

<sup>4</sup> O jornalista João Noronha, morador de Atafona e um dos entrevistados, cedeu os originais do livro “Uma dama chamada Atafona”, sendo que nesse material não havia a paginação.

início tinha. Com o aumento no número de netos, dormiam quatro em uma mesma cama. Irmãos dormiam junto com os primos. A casa ficava lotada, era uma festa só. (...) A água da praia sempre foi marrom, mas o mar era mais calmo. Íamos a praia todo dia de manhã, sem protetor solar, sem barraca. Era uma festa.

Mesmo com a possibilidade de ir para outros balneários, ano após ano, as vindas de tantos familiares criaram uma raiz em Atafona, um vínculo muito forte. Em seus relatos, Dona Nair descreveu essa praia como um local mágico, com “a água do mar com muito iodo, que é bom para curar doenças. Inclusive, tive um caroço no pescoço que sumiu quando vim tomar banho no mar”. Isso também é comentando por muitos de seus familiares e outros veraneantes. Com o crescimento dos filhos dela, não tinham mais espaço na casa:

**Nair:** Meu marido e meus filhos queriam mais espaço, então compramos uma casa em 1975, um casebre, chamávamos de pombal (casa de pombo, devido ao tamanho pequeno da residência). Meu pai falava que a casa ficava muito longe (na Coréia, dizia ele). Acho mesmo que não queria que saíssemos da casa dele (...). Com o tempo, outros irmãos foram comprando casas ou alugando sempre no veraneio em Atafona.

A Vivenda Dom Bosco pertence hoje a uma das irmãs de Nair, Thereza. A casa já está em frente ao mar, devido ao avanço do mesmo.

**Thereza:** O avanço do mar dá uma tristeza muito grande. É difícil chegar a casa, já que há muita areia e o carro pode atolar. A água do chuveiro e da pia está salgada. E tenho que receber meus sobrinhos que vem aqui de Brasília e de São Luiz todo mês de janeiro. Não sei até quando poderei recebê-los.

Thereza também já é uma senhora de 90 anos e faz questão de sempre vir à Atafona. Mesmo nos tempos áureos de saúde, com muitas idas à Espanha (seu segundo país, como afirma a mesma), sempre deixava pelo menos uma semana de janeiro para passar em Atafona. Hoje com o avanço do mar, sabe que suas idas podem acabar em breve, além do medo de que seus sobrinhos não venham mais à praia.

Outros irmãos e irmãs de Thereza e Nair possuem casas ou alugam sempre no veraneio. Como é o caso do senhor Ronald, que prefere alugar, pois “gasta menos assim”. Alguns dos seus sobrinhos e filhos possuem casa em Atafona também. Essa paixão passou de geração em

geração, com histórias de encontros familiares, namoricos de adolescência, amizades com residentes locais e/ou outros veraneantes.

O fato de viver a praia como familiar torna a mesma um *habitus* para o *veraneante*. Conforme Calétrio, o:

*habitus* de Mauss – as técnicas do corpo – é intrinsecamente social, porém menos determinado por classe social e logo deixa mais espaço para a inovação e a transformação e uma gama mais abrangente de contextos e experiências capazes de moldar as disposições corporais e afetivas. Como resultado, o senso de distinção derivado da competência de um *veraneante* no uso da praia não implica necessariamente em elitismo ou esnobismo, pelo menos nem sempre nem em todo contexto e situação.

A filha de Nair, Tereza Cristina, professora aposentada, quer que a paixão pela praia se perpetue por novas gerações, como uma herança familiar:

**Tereza Cristina:** Sei que a praia não é bonita. Já tem tempo que nem vou à praia aqui, mas ensinei meus filhos desde cedo a amar este local. E sei que os três hoje gostam daqui. Todo mês de janeiro venho de Niterói passar as férias com minha mãe em Atafona e meus filhos vem comigo. Mesmo hoje eles tendo filhos. E imagino que meus netos vão continuar gostando. Aqui é um lugar mágico. A comida é ótima. Peixes, doces.... Tirar fruta do pé. Aqui foi a primeira vez que meus filhos vieram à praia. E o mais importante: a família (primos, tios, avós) estão sempre por aqui.

O que Tereza Cristina argumenta é que há uma “junção” entre o lugar e as pessoas, o que Calétrio afirma como

*home-making*, isto é, aquelas que conferem um sentido de lar e pertencimento (...) Um ponto de entrada para examinar esta questão é a vivência da praia como um lugar familiar. A praia é o espaço público *par excellence* em cidades-balneário e o lugar onde há ligação afetiva (CALETRÍO, 2011, p. 127).

No entanto, há uma preocupação nesse processo de continuidade nas idas ao balneário. Sabendo que as pessoas que passam o verão continuam indo por uma questão de identificação com o lugar, as novas gerações podem não querer manter essas residências, conforme a fala de Ricardo, médico, filho de Dona Nair.

**Ricardo:** Antigamente ninguém se preocupava com segurança, com doença, com bichos... Ninguém tinha medo de nada. Tinha muito areal, o mar era muito longe. Não tinha protetor solar. A praia era uma viagem, não era acessível. Não tinha luz elétrica, a retirada da água para abastecer as casas eram com bombas manuais. Muitos

dormiam em esteiras, as vezes na garagem, alguns dormiam na mesma cama. E ainda assim todos queriam vir para cá. Era tudo diversão (...) No futuro, acho muito difícil que minhas filhas venham para Atafona. Não vão manter a casa que tenho ou comprar outra casa, pois aqui é muito caro manter. Outra coisa é o conforto, que não tem igual na sua casa. (...) Internet não funciona direito, o celular também não. As pessoas não admitem ficar sem isso hoje. Sem contar os insetos que aparecem, como baratas, mosquitos, além de morcegos...

Bauman afirma que a identidade pode ser desfeita a partir do momento que deixa de ser satisfatória, atraente, em comparação a outras identidades (BAUMAN, 2003). E essa é uma preocupação de vários veraneantes entrevistados, que seus descendentes não passem mais os verões em Atafona, que a paixão, antes perpassada de pais para filhos, pare de acontecer.

## 6. MORADORES DE ATAFONA

---

Além dos veraneantes, os moradores locais são fundamentais para essa afetividade. A ansiedade pelos veraneantes é visível, como já afirma Carlinhos, dono do bar “Carlinhos Pisca-Pisca”:

**Carlinhos:** Tenho esse bar há 43 anos. Antes, o dono era meu sogro, que já trabalhou na casa de Dona Nair como caseiro. (...) No verão eu abro o bar todos os dias. Durante o ano só abro nos finais de semana (...) A vinda do turista é o meu ganha pão durante o resto do ano. Sem o turista não teria o que comer (...).

Já Bernardo, trabalhador do porto do Açú, hoje um adulto, diz que na adolescência ficava ansioso pelo verão, pois encontrava seus amigos de outras cidades para jogar futebol, cartas, soltar pipa, ir à praia e sair à noite na pracinha do balneário. “Não tinha dinheiro para sair daqui, logo quando vinham pessoas de fora, eram novas histórias. A vida aqui é muito parada. É bom e eu gosto, mas é bom receber amigos”.

Outro morador local, Almir trabalha como caseiro. Os pais também eram de São João da Barra. Já trabalhou em várias residências em Atafona. Como ele afirma

**Almir:** Tem muita obra boa feita por mim. Pessoas de São Paulo, Juiz de Fora, Campos. Conheço muita gente de Campos, fiz muitas obras para eles. Já teve

muito trabalho, hoje caiu uns 70%. Não por causa da crise, mas por que a praia era muito melhor, a praia era mais limpa. Esse deslocamento do mar, essas perdas de casas diminuem também. Mas quem gosta de Atafona, não para de vir. Não é uma praia de farofeiro. Além disso, há uma relação forte entre os moradores e os turistas (veraneantes). Sem eles, Atafona ficaria as moscas. Agradeço a Deus, o pessoal que conheci são pessoas muito boas, meus amigos.

Além da necessidade que os veraneantes possuem de ir para Atafona, há uma necessidade (econômica e/ou social) dos moradores locais pelos veraneantes. Há uma mistura de classes sociais, pois, como observado nas entrevistas, os moradores são de origem social mais pobre, que se juntam com os veraneantes e que podem possuir uma relação afetiva com os mesmos.

A fábrica de picolés N Silva, localizada em São João da Barra, tem forte influencia em Atafona, tanto para os moradores quanto para os veraneantes. A empresa familiar (6 irmãos são proprietários dela) possui 28 tipos de picolés, chegando a vender 6000 picolés no dia do réveillon e alguns dias de finais de semana, para todo o município. Na fábrica, cada picolé custa R\$ 1,20 (se comprar o cento), sendo vendido por R\$ 2,00 nos pontos de venda e pelos vendedores ambulantes (lá chamados de “picoleiros”). Além disso, geralmente é o mesmo público que compra. As vezes essas pessoas apresentam o picolé para conhecidos, amigos. Os veraneantes são a propaganda do picolé. Segundo Paulinho, um dos proprietários:

**Paulinho:** Todas as frutas são da região. Todos os picolés são feitos de fruta mesmo. Alguns turistas gostam de colocar o picolé na vodca. Nos finais de semana no verão, vendemos entre 5 a 6 mil picolés por dia. Sem o verão não teríamos lucro algum, não existiria o picolé, a empresa. Acaba o verão nosso rendimento cai 80%. (...) De dezembro até o carnaval é nossa maior venda. Nossos funcionários trabalham mais com manutenção do que com outras atividades durante o ano, com exceção do verão. (...) Os picoleiros ganham uma boa grana no verão. Chegamos a ter próximo a 80 vendedores ambulantes (picoleiros), só em Atafona são, aproximadamente, 30. Chegam a vender 360 picolés em um bom dia. Muitos deles são idosos, alguns desempregados, acaba sendo a única forma de renda. Já tivemos um caso de um garoto de 15 anos que queria vender o picolé nas ruas para ajudar em casa, porém não podia por ser de idade. A mãe veio até a gente, pedir para que trabalhasse. A lei não permite.

A empresa é muito importante para esses ambulantes. Desde o início da empresa (1969), esses vendedores levaram para as praias e ruas, mesmo num sol forte, a venda do picolé, geralmente com um sorriso no rosto. Um dos mais famosos, é o Seu Jorge, que vende picolé há 30 anos.

**Seu Jorge:** A venda do picolé sempre me ajudou. Um bom dinheiro extra. Tenho muitos clientes que, chegando em Atafona, me procuram, gostam de comprar o picolé só comigo (...). Hoje estou com 72 anos e cansado. Mas é gratificante ver os turistas há tantos anos comprando comigo.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Sem os veraneantes, Atafona seria apenas “a praia que está sendo invadida pelo mar”, como é mostrado pela mídia. O sentimento vai muito além daquilo que pode ser visto e sentido por um turista convencional. As pessoas se sentem em casa, acreditam que Atafona faz parte de sua identidade.

A tranquilidade, a comida e o mar estão como segundo plano. São muitas vezes desculpas usadas para vir à Atafona. E mesmo com essas atrações mostradas neste artigo, o que traz os veraneantes para o local é o convívio familiar. O avanço do mar só aumenta as histórias nostálgicas sobre a Atafona de outrora e a de hoje.

A relação dos moradores e veraneantes é muitas vezes de amizade. Os moradores de Atafona sentem falta dos veraneantes, falando sempre com carinho dessas pessoas, que esperam ver todo verão. Ao mesmo tempo, os veraneantes buscam reencontrar esses amigos da praia, além de comprar com os moradores que já conhecem.

No verão atafonense, há pessoas de todas as classes, que se misturam em busca de lazer, descanso e uma boa conversa. Não há um aumento dos valores dos imóveis, pois não é uma área de grande interesse turístico para pessoas que não conhecem a área e nem há uma grande propaganda para que isso aconteça. Mesmo que haja um aumento do turismo em Grussaí ou para praias mais distantes, como Armação de Búzios no Rio de Janeiro, ou Guarapari no Espírito Santo, muitas pessoas que vão a Atafona não param de ir, mesmo que o glamour não seja o mesmo de outrora.

## 8. BIBLIOGRAFIA

---

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. et al. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALVES, Mirian Viana. Patrimônio Cultural e Políticas de Cultura: O caso de São João da Barra/RJ. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes. 2015.
- ASSIS, Lenilton Francisco de; Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. Revista Território - Rio de Janeiro - Ano VII – nº 11, 12 e 13 - set./out., 2003
- AZEVEDO, Marcia Vianna Hissa. Atafona, patrimônio mar adentro: formação, planejamento e destruição do balneário de Atafona – RJ Dissertação de mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes (RJ), 102p., 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- CALETRÍO, Javier. “De veraneo en la playa”: pertencimento e o familiar no turismo de massa no Mediterrâneo Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 24, n. 47, p. 119-140, janeiro-junho de 2011.
- CORRÊA, Marcella da Silva. A construção identitária de quatro conselheiros tutelares atuantes no Estado do Rio de Janeiro: uma análise narrativa. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2012.
- DOMINGUEZ, José Maria L.; BITTENCOURT, Abílio Carlos S.P.; MARTIN, Louis. O papel da deriva litorânea de sedimentos arenosos na construção das planícies costeiras associadas a desembocaduras dos rios São Francisco, Jequitinhonha, Doce e Paraíba do Sul, Revista Brasileira de Geociências, Vol. 13(2), pp.93-105. 1983.
- FERNANDEZ, Guilherme. B.; ROCHA, Thais G.; PEREIRA, Thiago G.; FIGUEREDO JR, Alberto G. Morfologia e dinâmica de praia entre Atafona e Grussaí, litoral Norte do Estado do Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 6.; REGIONAL CONFERENCE ON GEOMORPHOLOGY, Goiânia, Goiás, 2006.
- MOURAO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 11, n. 2, p. 143-151, Agosto. 2006. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200003&lng=en&nrm=iso)

[294X2006000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado no dia: 20 Jan. 2018.

MUEHE, Dieter; ROSO, Rosuita Helena; SAVI, David Canabarro. Avaliação do Nível do Mar como Datum Vertical para Amarração de Perfis de Praia. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, Ano 4, N.1, (53-57). 2003.

NORONHA, João. Uma dama chamada Atafona. São João da Barra: Cultura Goitacá, 2003.

RIBEIRO, Gilberto Pessanha *et al.* Análise espaço-temporal no suporte à avaliação do processo de erosão costeira em Atafona, São João da Barra (RJ). In: *REVISTA BRASILEIRA DE CARTOGRAFIA*, 2004, Presidente Prudente (SP), nº56/02 – dezembro 2004, p. 129-138.